

## SEMELHANÇAS COMPOSITIVAS ENTRE O LIVRO III DAS *GEÓRGICAS* DE VIRGÍLIO E O LIVRO VI DO *DE RE RUSTICA* DE COLUMELA<sup>1\*</sup>

Matheus Trevizam<sup>\*\*</sup>

### **Resumo:**

*Neste artigo, desejamos mostrar que há pontos literários comuns partilhados entre o livro III das **Geórgicas** de Virgílio e o livro VI do **De re rustica** de Columela. Esses mesmos aspectos, porém, não se restringem a alguns elementos típicos das praelocutiones (dedicatória, captatio benevolentiae, etc.), mas se espalham por toda a extensão dos livros anteriormente citados, apresentando-se sob a forma das digressões, do empenho descritivo dos corpos dos animais rústicos e do especial cuidado na dispositio dos assuntos em nexu com a criação.*

**Palavras-chave:** Columela; Virgílio; **Geórgicas**; literatura agrária romana; construção textual.

## RESSEMBLANCES DE COMPOSITION ENTRE LE LIVRE III DES *GÉORGIQUES* DE VIRGILE ET LE LIVRE VI DU *DE RE RUSTICA* DE COLUMELLE

**Résumé:** *Cet article a pour but de montrer qu'il y a des aspects littéraires communs partagés par le livre III des **Geórgiques** de Virgile et par le livre VI du **De re rustica** de Columelle. Ces mêmes aspects, pourtant, ne se bornent pas à quelques éléments typiques des praelocutiones (dédicace, captatio benevolentiae etc.), mais ils se répandent partout dans les livres ci-dessus mentionnés, se présentant sous la forme de digressions, de l'effort descriptif des corps des animaux rustiques, et du soin particulier dans la dispositio des sujets en rapport avec élevage.*

**Mots-clés:** Columelle; Virgile; **Geórgiques**; littérature agronomique romaine; construction textuelle.

---

\* Recebido em: 20/01/2016 e aceito em: 01/03/2016.

\*\* Professor associado da Universidade Federal de Minas Gerais. Membro do Neam (Núcleo de Estudos Antigos e Medievais da Fale/ Fafich-UFMG) e líder do Grupo de Pesquisa Tradução e Estudo da Literatura Técnica e Didática Romana (Fale-UFMG).

## Introdução

O exame da chamada “Literatura agrônômica” dos romanos antigos revela vários autores, desde a iniciativa pioneira do Catão de **De agri cultura** (séc. II a.C.) até o **Opus agriculturae** de Paládio (séc. IV d.C.), capazes, de algum modo, de “repercutirem-se” ou de incorporar os saberes de seus predecessores às páginas das obras que compuseram. Assim, comenta-se com alguma frequência, Varrão de Reate (séc. I a.C.), autor de um diálogo chamado **De re rustica**, empregou elementos do **De agri cultura** catoniano para construir o próprio texto;<sup>2</sup> Virgílio (séc. I a.C.), elaborando suas **Geórgicas**, serviu-se abundantemente de material varroniano,<sup>3</sup> mas também, é provável, de aspectos pontuais um dia tratados por Catão no opúsculo que mencionamos;<sup>4</sup> Paládio, por sua vez, já foi definido como uma espécie de “sintetizador” do vasto **De re rustica** de Columela (CARTELLE, 2007, p. 798), cujos conteúdos, no entanto, reelabora criativamente já pelo fato de tê-los disposto sob a forma aproximada de um “calendário”, ao longo do qual se abordam, em ordem cronológica, as variadas tarefas agrícolas previstas para o ano (TREVIZAM, 2014, p. 52).

Quando passamos à consideração dessas questões na verdadeira “enciclopédia” de assuntos rurais que se identifica com o **De re rustica** de Columela (séc. I d.C.), de fato divisamos, apesar da amplitude da cultura técnica e letrada desse autor latino,<sup>5</sup> um polo privilegiado para que se investigue, sobretudo, o papel de *Virgilio* como foco de emanção de saberes (inclusive compositivos) atinentes ao universo agrícola. Ora, atesta-se, através do mecanismo filológico da “busca das fontes”, que o poeta mantuano corresponde, com vantagens, ao autor antigo mais “evocado” ao longo de todo o tratado de Columela:

*In spite of the difference between the technical levels of the two authors, Columella expresses a great admiration for Virgil and mentions or quotes him more than any other agronomist. To be more precise, he does it seventy times, twice more than he names Cornelius Celsus, the agronomist who seems to him the most reliable one.*<sup>6</sup> (DUMONT, 2009, p. 49)

*Il de Saint-Denis sostiene che Columella cita Virgilio per motivi tecnici 47 volte, approvandolo in pieno 43, con riserva 2 e confutan-*

*dolo altre 2, e sulla base del semplice computo numerico conclude che l'agronomo ammira devotamente il Virgilio tecnico. In verità Columella cita Virgilio per motivazioni tecniche solo 42 volte, si dichiara concorde con lui 36, e altre 6 dissente o tace; ed è proprio dall'esame di questi dissensi e silenzi che possiamo trarre una valutazione completa del pensiero dell'agronomo riguardo al valore tecnico delle **Georgiche**.*<sup>7</sup> (COSSARINI, 1977, p. 231)

Questões – ou diferenças – numéricas de citações à parte,<sup>8</sup> ainda se sabe, como anunciamos, que o poeta em jogo correspondeu a um significativo referencial para Columela também no tocante a certos parâmetros estruturadores da feitura letrada de **De re rustica**. Assim, apenas para oferecermos um exemplo ostensivo, o livro X desse tratado (em geral prosístico), cujos temas abordam o multifacetado âmbito das plantas hortenses, foi curiosamente elaborado no esteio do poema didático constituído pelas **Geórgicas**, de modo, até, que se anuncie sua feitura como algo dado “em resposta” a uma lacuna do livro IV daquela obra progressiva.<sup>9</sup> Na verdade, tem-se em tal parte de **De re rustica** um *poema* em 436 versos hexâmetros datílicos, cujos assuntos de cultivo também são perpassados por imagens e digressões míticas, bem como se encontram plenos de sugestões cromáticas e sonoras. Além disso, nota-se na tessitura desse mesmo livro X a recorrência a outros detalhes que já se encontravam, à sua maneira, nas **Geórgicas**, podendo-se mesmo apontar certos experimentos com os limites do gênero da poesia didática como algo constante, coincidentemente, das tramas poéticas de Virgílio e de Columela.<sup>10</sup>

Ora, nosso objetivo será, na continuidade deste artigo, apontar uma série de elementos do livro III das **Geórgicas** cujos padrões constitutivos encontrem, de algum modo, “correspondências” naqueles do livro VI do **De re rustica** columeliano. O motivo da escolha justo desses dois livros do poema e do tratado, respectivamente, vincula-se à sua relativa coincidência temática, como adiante explicitaremos melhor. Por ora, no entanto, basta lembrar que, em Virgílio e Columela, essas partes de cada obra sempre dizem respeito a assuntos pecuários, em cobertura a tópicos como as criações de bovinos e cavalos (ou outros).

Por outro lado, apontando eventuais semelhanças entre Columela e Virgílio nos termos que temos empregado, de modo algum pretendemos categoricamente afirmar que o tratadista tenha sido, sem sombra de dúvida,

“influenciado” de forma consciente pelo poeta. Muitas vezes, preferimos pensar, tais semelhanças podem antes dever-se a funcionamentos retórico-literários parecidos entre os textos, apesar das óbvias diferenças genéricas em questão: afinal, tanto na poesia didática quanto nos tratados é justo, por exemplo, recorrer à *uariatio* a fim de produzir maior leveza expositiva, o que vem a justificar que tanto no livro III das **Geórgicas** quanto no sexto de Columela se encontrem digressões.

### **Questões atinentes à *praelocutio* de *De re rustica* VI e àquela de *Geórgicas* III**

A própria presença dessas peculiares *praelocutiones* nos inícios desses livros do tratado e do poema didático a que nos referimos indica por si certa similaridade construtiva entre as duas obras em pauta. Quando pensamos apenas na poesia didática, a existência de uma *praelocutio* como aquela constante de **Geórgicas** III, longe de ser um dado apenas banal, propicia-nos acompanhar o enveredamento do poeta por uma trilha compositiva antes já percorrida pelo Lucrécio de **De rerum natura**.

Os críticos, com efeito, ressaltaram que esse autor epicurista foi o primeiro a organizar um poema didático em *diferentes livros* atinentes a diferentes assuntos, tendo antes prevalecido, é provável, a escrita em “monobloco” e mais concisa dos espécimes do gênero (TOOHEY, 2010, p. 87-88). Ainda, cada uma das seis subdivisões de **De rerum natura** é encabeçada por sua própria introdução, de modo que, embora a do livro inicial também se preste a “abrir” o todo do poema, elas possam sucessivamente adaptar-se aos conteúdos dos distintos livros que iniciam. Assim, na do livro I, Lucrécio esboça, entre v. 50-61, a súpula dos assuntos que há de tratar nele; tais assuntos são, a saber, os princípios básicos da teoria atômica,<sup>11</sup> considerados indispensáveis para que se compreendam, inclusive, os dizeres contidos no livro III até o final do poema. No começo do livro IV, os versos prévios à efetiva entrada nos conteúdos, em seu trecho de discriminá-los sumariamente para essa parte do poema, falam em iniciar a abordagem teórica dos “simulacros” de acordo com a definição dos epicuristas para tal tipo de “emanação sutil” dos corpos físicos;<sup>12</sup> essa teoria, acrescentamos, vincula-se intrinsecamente aos conteúdos posteriores do mesmo livro IV, tão relacionados ao mecanismo das sensações (como a própria visão, que se dá pelo contato direto dos olhos com os simulacros das coisas, provenientes do ar).

Embora não nos seja tão fácil seguir o percurso da forma dada aos tratados – o segundo dos gêneros que aqui nos interessa, por ser o do **De re rustica** columeliano –, devido à relativa falta de interesse dos críticos da produção letrada antiga diante desse legado<sup>13</sup> podemos dizer que certos traços encontráveis na obra em prosa aludida são uma espécie de constante na história da categoria compositiva em foco. Assim, lembrando que a produção tratadística no Ocidente remonta, pelo menos, ao Aristóteles de textos como o **Peri ouranoû**, a **Ética a Nicômaco** e a **Arte Retórica**, pode-se tomar como exemplo o caso romano do **De Architectura** de Vitrúvio para dizer que tal escritor técnico, ainda nos tempos de Otaviano Augusto, já compusera esse tratado sob a forma de dez livros distintos, cada qual introduzido por uma *praelocutio* própria. Nota-se, inclusive, seu emprego com fins de expor uma sùmula dos principais assuntos a serem abordados em cada grande subdivisão do texto:

*Item in secundo de materia, quas habeat in operibus utilitates et quibus uirtutibus e natura rerum est comparata, peregi. Nunc in tertio de deorum immortalium aedibus sacris dicam et, uti oporteat, perscriptas exponam.*<sup>14</sup>

Ora, a *praelocutio* de **Geórgicas III**, “exclusiva” dessa parte do poema de Virgílio, encontra-se em grande harmonia com ela pelo anúncio aproximado do teor pecuário desse livro, às vezes realizado através da sugestiva imagética mítico-religiosa vista em algumas de suas partes. A saber, o poeta fala, nos v. 1-2, de “grande Pales” (*magna Pales*), do “pastor do Anfriso” (*pastor ab Amphryso*) e dos “bosques e rios do Liceu” (*siluae amnesque Lycaeï*). Tais elementos – respectivamente evocativos de uma deusa itálica a quem se atribuía a guarda dos rebanhos,<sup>15</sup> de certa aventura de Apolo, o filho de Zeus, como boieiro do rei Admeto de Feras, na Tessália (GRIMAL, 1963, p. 42), e de dois componentes naturais de um monte arcadiano associado a Pã<sup>16</sup> – contribuem de forma decisiva para a “ancoragem” do presente fazer do poeta em um âmbito em nexos com as criações de animais. Também lembramos, a propósito, que Virgílio, nesse exato início do livro III, rejeitara alguns temas mítico-literários (como “Delos de Latona” – *Latonia Delos* –, v. 6; “Pélope notável pelo ombro de marfim” – *umeroque Pelops insignis eburno* –, v. 7 –, etc.), considerados por ele próprio pouco cabíveis a essa parte do poema didático tal como a tinha planejado.<sup>17</sup>

Ainda ao final da mesma *praelocutio*, Virgílio mais uma vez a adapta ao “tom” do livro que abre, pronunciando-se assim depois do considerável

“desvio” representado – entre v. 10-39 – pela alegoria (relativa à posterior feitura de um poema épico! – WILKINSON, 2008, p. 186) da construção de um templo marmóreo em Mântua:

*Interea Dryadum silvas saltusque sequamur* 40  
*intactos, tua, Maecenas, haud mollia iussa.*  
*Te sine nil altum mens incohat. En age, segnis*  
*rumpe moras; uocat ingenti clamore Cithaeron*  
*Taugetique canes domitrixque Epidaurus equorum;*  
*et uox adsensu nemorum ingeminata remugit.* 45  
*Mox tamen ardentis accingar dicere pugnas*  
*Caesaris et nomen fama tot ferre per annos,*  
*Tithoni prima quotabestab origine Caesar.*<sup>18</sup>

Desse modo, imagens como a das “bosques e clareiras intocados das Dríades” (v. 40-41), a do “Citero” (v. 43), a dos “cães taigetos e Epidauro domadora de cavalos” (v. 44), contrapostas ao tema belicoso e épico das “batalhas ardentes de César” (v. 46-47), inserem-se em propósitos de operar, aqui, nítido recorte temático e de grandeza do canto agora conveniente a um poeta didático que há, “apenas”, de tratar de manadas e rebanhos até o término do livro III.

Quanto à *praelocutio* própria de **De re rustica** VI, nela se introduzem importantes tópicos em nexos diretos com o assunto da criação de animais, o qual, depois, constituirá o foco temático do livro inteiro. Assim, Columela o inicia posicionando-se a favor da aliança entre a pecuária e a agricultura, de modo que se afastem as ideias relativas a uma espécie de “competição” entre essas duas práticas/saberes: alguns dos argumentos arrolados por ele com esse fim dizem respeito a ressaltar ser melhor “consumir com os animais de casa do que com os de outros o alimento da propriedade”,<sup>19</sup> bem como que sobejam os frutos da terra “por uma adubação abundante, a qual se faz através dos rebanhos”.<sup>20</sup> Além disso, “inexiste alguma região em que apenas se produzam grãos e que não se cultive com o auxílio das manadas, assim como com o humano”.<sup>21</sup>

Semelhantes constatações levam o “agrônomo” até a propor etimologias que “comprovem”, ao modo da compreensão antiga a respeito desse instrumento de raciocínio,<sup>22</sup> os elos inegáveis entre agricultura e pecuária. Poderíamos, nesse quesito, citar-lhe as ocorrências atinentes a *iumenta*

(“animais de carga”) e *armenta* (“manadas”), os quais o autor antigo busca relacionar, nem sempre com acerto, respectivamente a *iuuare* [“ajudar” (na lida agrícola)] e a *arare* (“arar”). Ora, apesar da correção da segunda etimologia, como registram Ernout e Meillet (2001, p. 327-328) no **Dictionnaire étymologique de la langue latine**, *iumentum* na verdade se vincula a *iugum* (“jugo”).

Sequencialmente, Columela põe em destaque o aspecto lucrativo da pecuária, como se “constata” pela própria etimologia – atestada – dos termos latinos *pecunia* (“dinheiro”) e *peculium* (“pecúlio”, “reserva de valores sob a tutela de um escravo”) a partir de *pecus* (“gado”), além de pelos dizeres reportados de Catão, o Velho, sobre as vantagens da criação de animais para todos os que desejassem prosperar.<sup>23</sup> Com efeito, essa personagem pregressa da história dos escritos agrários romanos teria dito a um consulente que, caso quisesse enriquecer *rápido*, deveria tornar-se *bom criador*; caso desejasse obter rendimentos “bastante grandes” (*satis uberes fructus*), deveria ser um pecuarista “moderadamente bom” (*si mediocriter pasceret*); caso, enfim, buscasse a terceira atividade lucrativa na agricultura, a melhor saída corresponderia a ser um mau criador.<sup>24</sup>

Em que pese as ressalvas de Columela ao terceiro conselho dado por “um homem tão sábio” (*de tam sapiente uiro*), “pois decerto acompanha o criador inerte e ignorante uma perda maior do que o lucro de um cuidadoso e diligente”,<sup>25</sup> o autor de **De re rustica** não deixa de citar em conjunto os três preceitos catonianos, endossando ainda: “Sobre a segunda resposta, não há dúvida de que os rendimentos do gado ultrapassam a moderada negligência do dono”.<sup>26</sup> Na sequência, endereçando-se a Públio Silvino, misterioso dedicatário<sup>27</sup> mais de uma vez citado em **De re rustica**, Columela passa a oferecer a sumarização dos assuntos que há de tratar, inclusive, no livro a cujos inícios dá curso:

*Quam ob causam nos hanc quoque partem rei rusticae, Siluine, quanta ualuumus industria, maiorum secuti praecepta posteritati mandauimus. Igitur cum sint duo genera quadrupedum, quorum alterum paramus in consortium operum, sicut bouem, mulam, equum, asinum; alterum uoluptatis ac reditus et custodiae causa, ut ouem, capellam, suem, canem: de eo genere primum dicemus, cuius usus nostri laboris est particeps.*<sup>28</sup>

De fato, a partir do capítulo primeiro do livro VI de **De re rustica**, Columela inicia a abordagem dessas espécies reputadas “de trabalho” pela tematização dos bois, em seguida passando à dos touros (cap. XX), à das vacas (cap. XXI), à dos novilhos (cap. XXV), à dos cavalos (cap. XXVII) e à das mulas (cap. XXXVI). Devemos ainda acrescentar que, como aqui ainda se referem animais de “prazer, lucro e guarda”, os quais, na verdade, constituirão *grosso modo* o assunto rústico do livro VII, Columela realiza, nessa passagem, uma espécie de antecipação de elementos atinentes à *praelocutio* em seu aspecto peculiar de listagem dos conteúdos do livro VII, cujas espécies serão, depois do burro, a ovelha (cap. II), o carneiro “de semente”/macho (cap. III), o carneiro tarentino (cap. IV), o bode (cap. VI), o porco (cap. IX) e o cão (cap. XII).

Outro aspecto, ainda, encontrável nessa mesma *praelocutio* do tratado em prosa, na verdade se vincula a um ingrediente de colorações retóricas.<sup>29</sup> Em um ensaio especificamente destinado a averiguar os nexos entre as *praelocutiones* de Columela e a herança da retórica ciceroniana, Jean-Marie André (1989, p. 256-260) relaciona a prática da dedicatória/menção respeitosa ao “patrono” do texto a esforços de *captar a benevolência* do ouvinte para a obra. Tudo se dá, ele parece argumentar, como se a simples presença de semelhantes elementos, justo à abertura de vários dos livros técnicos da literatura latina, significasse a busca de certa “caução” do dedicatário, a quem se pede, simultaneamente, “autoridade moral” (*autorité morale*) e “interesse esclarecido” (*intérêt éclairé*) por algum texto.

Ora, o mesmo Silvino, que surge em **De re rustica** desde a *praelocutio* situada à abertura do livro I,<sup>30</sup> é nomeado pela segunda vez na abertura do livro VI<sup>31</sup> – como lemos no trecho transcrito há pouco –, exatamente no ponto em que Columela fala em “legar” (*mandauimus*) à posteridade tal segmento de seu tratado agrícola. Em certo sentido, a menção a essa personagem, com o específico papel que lhe cabe na economia interna de **De re rustica** – e em semelhante contexto de abertura dos olhares do autor para o âmbito receptivo do público que há de lê-lo um dia –, encaixa-se perfeitamente em um entorno compositivo sempre vinculado, como se vê, a escrever com vistas a um atento serviço ao receptor do texto, quer seja ele o nomeado Silvino, quer alguém genericamente indefinido.

Ainda, quando o autor se refere a si próprio,<sup>32</sup> nessa mesma passagem, como seguidor dos “preceitos de nossos ancestrais” (*maiorum secuti praecepta*) ao

tratar da pecuária conforme o fará, como quem se empenhou o melhor que pôde com vistas a essa tarefa (*quanta ualuimus industria*) e, enfim, dando preferência ao tratamento inicial do assunto dos animais *de trabalho*, não daqueles, inclusive, “de prazer” – como os porcos, que se comem –, reveste-se, além da aura de generosidade implícita na evocação de Silvino e de seus próprios leitores, de características de respeitabilidade, seriedade e gravidade, à maneira recomendável para alguém, é notório, afim aos hábitos morais dos velhos *agricolae* romanos (TREVIZAM, 2014, p. 162-163).

Em **Geórgicas** III, os pontos da dedicatória e da *captatio benevolentiae* podem ser descritos da seguinte maneira: o dedicatário geral do poema é, obviamente, Gaio Cílnio Mecenas, o conhecido “agente cultural” de Otaviano Augusto. Ele, que se menciona desde o verso 2 do livro I do poema,<sup>33</sup> “ressurge” nomeado no contexto em pauta justo em um excerto transcrito anteriormente (v. 40-48). Ali, lembramos, falava-se – depois do temporário “adiamento” dos projetos de Virgílio de compor um poema épico, destinado à glorificação do próprio Otaviano –<sup>34</sup> em adequação aos *haud mollia iussa* (“tuas ordens não fáceis”, v. 41) de Mecenas, vindo o autor a devotar-se, no presente de seus labores compositivos, ao canto dos *Dryadum silvas saltusque intactos* (“bosques e clareiras intocados das Driades”, v. 40-41); ainda, Virgílio acrescenta nesse entorno compositivo que *te sine nil altum mens incohat* [“sem ti (sem Mecenas), nada de alto a mente principia”, v. 42].

Já pela reiteração da lembrança de Mecenas na *praelocutio* desse livro, o qual, à sua maneira, efetua um recomeço no interior das **Geórgicas** – pois se trata, aqui, do primeiro grande segmento do texto a abordar, com os tópicos sobre a apicultura do livro IV, assuntos agrícolas de teor *animal*, não botânico –, temos a manifestação de um gesto de delicada homenagem a essa figura histórica coeva do poeta, assim se contribuindo para envolvê-lo em uma positiva aura de fidelidade – e até a alguém bem próximo de si do ponto de vista pessoal.<sup>35</sup> No entanto – ainda convém observar, em termos da construção de um *ethos* cativante para o *magister* didático de **Geórgicas** III –, que ele dizer-se “na dependência” (*te sine nil altum mens incohat*) de Mecenas para escrever bem denota, simultaneamente, o reforço dessa postura de ser leal aos intentos alheios e a manifestação de significativa modéstia, como se por si só o poeta não lograsse sair-se bem na empresa a que se lança.

Ademais, os óbvios vínculos políticos entre Mecenas e Augusto, e a referência, também dignificante, a este último no trecho da descrição (metapoética e alegórica) do templo do Múncio (v. 10-39) contribuem para fazer com que as duas consagrações de (diferentes) objetos literários a essas personagens se ecoem mutuamente na *praelocutio* do livro III, gerando reverberações intensificadoras do caráter do locutor textual como alguém, mais de uma vez, dedicado a servir a seus “benfeitores”.

### **Pontos relacionados às questões literárias das digressões, do empenho descritivo e da cuidada *dispositio* dos tópicos pecuários ao longo dos livros do poema didático e do tratado considerados**

Não se deve, obviamente, restringir ao âmbito das *praelocutiones*, com seus componentes típicos e funções retóricas, a busca das similaridades entre o livro III das **Geórgicas** de Virgílio e o livro VI do **De re rustica** de Columela. De início, fazemos lembrar que a literatura tratadística antiga e a poesia didática não conheceram a forte separação encontrada, nas práticas de escrita de nosso tempo, entre a transmissão precisa de saberes técnicos e a veiculação dessa mensagem sob modos de dizer, até certo ponto, artisticamente elaborados. Tomando para parâmetro de exemplificação, mais uma vez, o típico caso do **De rerum natura** de Lucrécio, sabemos que, nesse poema de fundo temático atinente à física epicurista, seu autor aliou a cuidada exposição de tal parte das doutrinas da escola filosófica de sua escolha a um sutil fazer poético:

*Tampoco puede sostenerse que el **De rerum natura** tenga un horizonte de expectativas adecuado al gran público. El poema de Lucrecio, si bien puede considerarse como divulgativo en cuanto a la doctrina filosófica, se dirige a un lector con un conocimiento exhaustivo de la tradición griega. Pasajes como la alabanza de Empédocles en el primero libro o la descripción final de la peste se presentan como genuinos contrapuntos intertextuales que exigen una gran familiaridad con el texto referencial por parte del lector del fenotexto.*<sup>36</sup> (LISI, 2007, p. 93)

*The alliteration and onomatopoea in the poem have already been analysed in Deutsch's second chapter, and by Bailey in his preface 119-20 and 146-52, and everybody is familiar with the direct imi-*

*tation of sound by sound in Lucretius, where, for example, multiple alliteration imitates the sound of wind or saw or a howling baby, uentorum ualidis feruescunt uiribus undae 3 494, serrae stridentis acerbum horrorem 2 410-1, uagitumque locum lugubri complet 5 226.*<sup>37</sup> (WEST, 1994, p. 115)

Quanto aos tratados, vê-se já no anteriormente citado **De Architectura** o comum esmero diante das necessidades de fazer-se perenemente informativo<sup>38</sup> e não de todo negligente com a elaboração escrita da obra.<sup>39</sup> Assim, quando pensamos nos textos de cuja análise nos ocupamos especificamente, ou seja, as **Geórgicas** e o **De re rustica** de Columela, notamos de maneira extensa, ao lado da abordagem de conteúdos técnicos *com diferentes graus de tecnicidade*,<sup>40</sup> a clara recorrência dos autores, mesmo externamente às aberturas de seus sucessivos livros, a efeitos em nexos com a construção letrada da expressividade.<sup>41</sup>

Sob o aspecto das digressões, então, encontramos no livro III das **Geórgicas** toda uma gama de ocorrências que ajudam a caracterizar a face artística desse poema didático de Virgílio. Faz-se necessário, quando abordamos semelhante tópico em referência a um texto pertencente a essa tipologia literária, apresentar o que um teórico como Peter Toohey entende ao referir os “painéis ilustrativos”: segundo explica, eles seriam partes dos poemas do gênero a veicularem, amiúde, temas mitológicos (mas não só), e ajudam a delimitar, com mais uma série de outros traços,<sup>42</sup> a pertença dos espécimes ao ambiente compositivo do didatismo.

Tais “painéis”/digressões, embora o mais famoso exemplo do poema inteiro esteja no livro IV e se identifique com o longo *epyllion* de Aristeu e Orfeu,<sup>43</sup> pontuam o livro III, com evidentes propósitos de expandir o ângulo de visão do escritor e favorecer a *uariatio* expositiva e de estruturação do discurso, com a passagem do modo preceituador para aquele, tantas vezes, narrativo ou descritivo. Então, em v. 152-153 o poeta já se serve de uma pequena digressão mítica, quando, depois de comentar os danos do inseto chamado *asilus* para as manadas bovinas, diz que Juno castigou Io, metamorfoseada em novilha, com as picadas desse animal.<sup>44</sup> Entre v. 319-241, o poeta conta um pequeno drama referente a dois bois que se enfrentam em luta recorrente por conta de desejarem sexualmente a mesma vaca, a qual divisaram no mato itálico de Sila: trata-se, aqui, de um trecho altamente antropomorfizante, com a atribuição de sentimentos como a soberba (*super-*

bi/ uictoris, v. 226-227) e a própria maturação do sentimento de vingança ao animal derrotado pela primeira vez (v. 229-234). Além disso, a digressão se encerra com a apresentação de um belo símile, o qual aproxima a fúria do boi retornando em revanche da força do mar que se rebenta na praia:

*Fluctus uti, medio coepit cum albescere ponto  
longius ex altoque sinum trahit, utque uolutus  
ad terras immane sonat per saxa neque ipso  
monte minor procumbit, at ima exaestuat unda* 240  
*uerticibus nigramque alte subiectat harenam.*<sup>45</sup>

Na sequência do mesmo livro III, faz-se necessário, ao menos, referir as digressões dos pastores líbios/da Cítia (v. 339-383) e da Peste Nórica (v. 474-566), a qual, no último caso, diante do cenário de completa destruição epidemiológica dos seres vivos a que se chega, serve de contraponto narrativo para o episódio do renascimento das abelhas de Aristeu em fins de **Geórgicas** IV. Considerados em conjunto, no entanto, os excursos da quente região da Líbia, em contraste com o dos gelos do país dos cílios, no norte do mundo, constituem um exemplo da erudição etnográfica (e geográfica) do poeta, com o oferecimento de vários detalhes descritivamente afins ao ambiente natural (e aos costumes nativos) em tais zonas do mundo.<sup>46</sup>

A consideração do mesmo aspecto literário no livro VI da obra columeliana leva-nos a constatar algumas peculiaridades, como ressaltou Eralda Noè (2002, p. 173-175): assim, depois de dizer que o entremeio de passagens afins ao longo de **De re rustica** se coaduna com propósitos vinculados à riqueza construtiva do texto, esclarece que esse “agrônomo” parece fazer alguns cortes no uso indiscriminado das digressões em seu texto. Assim, o autor excluiria, “na verdade, testemunhos, excursos sobre temas que pertencem mais à licença poética do que à *fides* que reivindicava”. Mas isso não impede que “digressões mitológicas, sobre a origem e sobre a educação das primeiras abelhas, encontrem [algum] espaço de abordagem: *nec sane rustico dignum est sciscitari fueritne mulier pulcherrima specie Melissa, quam Iuppiter in apem conuertit, an ut Euhemerus poeta dicit crabronibus et sole genitas apes*” (NOÈ, 2002, p. 173).<sup>47</sup>

Por outro lado, Noè ainda resalta que tendem a se concentrar nas *prae-locutiones* as poucas digressões que o **De re rustica** comporta, como se nessas partes do tratado houvesse maior emprego dos recursos de elaboração artística do texto. No tocante especificamente ao livro VI, as digressões

apontadas referem-se, segundo seu entender, a elementos vistos, que constam da *praelocutio*:

*A questo punto egli fa seguire una breve digressione che consacra la maggiore antichità dell'allevamento rispetto alla agricoltura: ...nominata quoque pecuniae et peculi tracta uidentur a pecore, quoniam et solum id ueteres possederunt et adhuc apud quasdam gentis unum hoc usurpatur diuitiarum genus. Sed ne apud nostros quidem colonos alia res uberior, ut Marcus Cato prodidit... L'aneddoto successivo ricorda l'affermazione di Catone in merito al fatto che l'allevamento comunque resta lo strumento di redditività privilegiato, anche se gestito con poca cura dal padrone.*<sup>48</sup> (NOÈ, 2002, p. 176)

Cremos, no entanto, possível dividir o funcionamento digressivo mesmo em um pequeno comentário que se segue, em **De re rustica** VI, a certa citação de **Geórgicas** III de Virgílio (v. 266-279), no qual esse poeta explicara o caráter exacerbado do ímpeto erótico das éguas, vindo até a ocorrer que se lançassem em fuga desembestada para satisfazê-lo e chegassem a engravidar do vento, segundo algo antes contado, ao menos, pelo Varrão de **De re rustica** II, I, 19.<sup>49</sup> Na verdade, quando comenta ser “bem notório mesmo no Monte Sagrado da Espanha, estendido para o Ocidente junto ao Oceano, que frequentemente as éguas engravidaram sem o coito e criaram seus filhotes, não tendo eles utilidade porque aos três anos, antes de amadurecer, são arrebatados pela morte”,<sup>50</sup> o que faz é continuar a desviar-se um pouco do assunto apenas prático do modo de bem conduzir o tópico da reprodução equina para direcionar-se a horizontes mais amplos... e contar um prodígio.

Com isso, de forma similar ao *magister* didático de **Geórgicas** III, Columela aqui se mostra, até externamente à *praelocutio*, capaz de proceder ao mecanismo da *uariatio*, já que, menos restrito a preceitos de ordem operacional,<sup>51</sup> focaliza-se em um assunto ao mesmo tempo atrativo e distinto do ambiente de seu público, *grosso modo* identificado com aquele dos grandes senhores fundiários itálicos.<sup>52</sup>

Outro aspecto de importância para a consideração da tessitura literária das duas obras diz respeito à expressividade das detalhadas descrições dos corpos dos animais domésticos,<sup>53</sup> contidas no livro III das **Geórgicas** e no livro VI do **De re rustica** de Columela. Tais descrições, pensando na tradição dos escritos agrários romanos, remontam, como espécie de lugar-

-comum compositivo, ao menos ao segundo livro do **De re rustica** de Varão, em que já apareciam reiteradas, por exemplo, nos capítulos II (em cobertura ao físico ideal dos carneiros), V (em relação com os bovinos) e VII (em nexa com os equinos).

Eralda Noè, justo a propósito do tratamento temático dos animais nos livros VI e VII do **De re rustica** columeliano, ressalta como o procedimento descritivo é importante para a feitura escrita dessas partes do tratado (NOË, 2004, p. 310 e 314), como se depreende da própria insistência do “agrônomo” em empregá-lo e fica justificado diante da necessidade, para o aprendiz de pecuária que o lê, de dispor de parâmetros norteadores inclusive da aquisição de reses dotadas dos traços físicos convenientes. Desejando, porém, dar mínima amostragem prática do elemento descritivo não só em Columela, mas nos *dois autores* sob análise neste artigo, propomos o comentário conjunto dos trechos abaixo:

*Seu quis Olympiacae miratus praemia palmae  
pascit equos seu quis fortis ad aratra iuuenos, 50  
corpora praecipue matrum legat. Optima toruae  
forma bouis, cui turpe caput, cui plurima ceruix  
et crurum tenuis a mento palearia pendent;  
tum longo nullus lateri modus; omnia magna,  
pes etiam; et camuris hirtae sub cornibus aures. 55*

*Nec mihi displiceat maculis insignis et albo  
aut iuga detrectans interdumque aspera cornu  
et faciem tauro propior quaeque ardua tota  
et gradiens ima uerrit uestigia cauda.  
Aetas Lucinam iustosque pati hymenaeos 60  
desinit ante decem, post quattuor incipit annos;  
cetera nec feturae habilis nec fortis aratris.<sup>54</sup>*

*Vaccae quoque probantur altissimae formae longaeque, maximis  
uteris, frontibus latissimis, oculis nigris et patentissimis, cornibus  
uenustis et leuibibus et nigrantibus, pilosis auribus, compressis malis,  
palearibus et caudis amplissimis, unguibus modicis, et cruribus paruis.  
Cetera quoque fere eadem in feminis, quae et in maribus, desiderantur;  
et praecipue ut sint nouellae: quoniam, cum excesserunt annos  
decem, fetibus inutiles sunt. Rursus minores bimis iniri non oportet.<sup>55</sup>*

O excerto de Columela caracteriza-se, de acordo com as conveniências gerais de um tratado em prosa, por um modo de escrita bem menos poético, haja vista, além da óbvia recusa aos versos, a eliminação de um elemento nobilitador (que se presentifica, em Virgílio, por evocar a “palma/vitória olímpica”) e a ausência da antropomorfização construída ao falar-se, nas **Geórgicas**, em (Juno) “Lucina”<sup>56</sup> e “himeneus” (v. 60)<sup>57</sup> a propósito de aspectos reprodutivos de simples vacas. Entretanto, as duas passagens apresentam aspectos comuns que ultrapassam o enfoque descritivo, sempre, na fêmea da espécie bovina: fazemos atentar, desse modo, para o fato de que os dois autores abordaram pontos relativos à fertilidade das vacas logo depois, propriamente, de perpassá-las em suas características físicas.

Além disso, a escolha dos traços físicos desejáveis nos melhores espécimes e, conseqüentemente, dos itens lexicais que os descrevem em um e outro texto atende, nas **Geórgicas** e em Columela, por vezes, a deliberados propósitos de ressaltar o tamanho *avantajado* de alguns membros das reses: notem-se, assim, dizeres virgilianos como *plurima ceruix* (“nuca farta”, v. 52), *crurum tenuis a mento palearia pendent* (“uma papada pendente do mento até as pernas”, v. 53), *longo nullus lateri modus* (“nenhum limite para o flanco alongado”, v. 54) e *omnia magna, pes etiam; et camuris hirtae sub cornibus aures* (“tudo é grande, mesmo a pata, e as orelhas felpudas sob os chifres voltados para dentro”, v. 54-55); no **De re rustica**, por sua vez, *altissimae formae longaeque* (“do mais alto talhe e compridas”), *maximis uteris* (“de enormes ventres”), *frontibus latissimis* (“de testa bem ampla”) e *caudis amplissimis* (“caudas bem amplas”).

Por outro lado, além do cuidado de um e outro autor em evidenciar semelhante aspecto constitutivo do corpo das reses a que o bom criador deve almejar, fazemos ver que o aspecto da *elocutio* não é também de todo descuidado, mesmo na escrita técnica de Columela. Note-se, por exemplo, a variação com que esse autor faz sucederem-se os atributos da vaca tal como a descreve no trecho em foco, antepondo, em três casos esparsos, as qualidades às partes do corpo que especificam: (*maximis uteris* – “de enormes ventres”/ *pilosis auribus* – “de orelhas peludas”/ *compressis malis* – “de ossos malares estreitos”). Acrescente-se a isso que, ao longo da série *maximis uteris... cruribus paruis*, em geral há rigorosa alternância entre itens que contêm ao menos uma parte física cujo ablativo plural acaba em *-is* ou em *-ibus*, exceção feita ao trecho *cornibus uenustis et leuibis et nigrantibus*,/ *pilosis auribus* – “de chifres graciosos, lisos e escuros,/ de

orelhas peludas” –, no qual, evidentemente, *cornibus* e *auribus* apresentam a mesma maneira de marcação casual.

Em Virgílio, recursos efetivamente poéticos – como o ritmo, o emprego regular dos hexâmetros datílicos e certas imagens – à parte, o próprio rearranjo das estruturas que se empregam objetivando atribuir características aos animais já contribui para salvar da fria monotonia expositiva os versos citados: assim, neles se encontra o uso do dativo com vistas à vinculação de traços morfológicos às reses, ou a seus membros (*cui turpe caput, cui plurima ceruix* – “que tem a cabeça feia, a nuca farta”, v. 52/ *longo nullus lateri modus* – “nenhum limite para o flanco alongado”, v.54), mas ainda para fins idênticos, recorre-se ao menos à adjetivação normal (*Nec mihi displiceat maculis insignis et albo* – “nem me desagradaria a que tem manchas brancas”, v. 56) e ao cotejo com o macho da espécie (*faciem tauro propior* – “um tanto parecida com o touro na aparência”, v. 58).

O derradeiro aspecto literário da feitura do livro III das **Geórgicas** e do livro VI do **De re rustica** de Columela para o qual desejamos chamar a atenção, diz respeito, conforme anunciamos, ao ponto da *dispositio*. Ora, desde a *praelocutio* do livro III do poema didático virgiliano, fica claro que esse autor há de tratar, nessa parte da obra, de assuntos relativos ao grande ramo da pecuária, contudo, não parece haver aqui algo semelhante a uma *partitio* rigorosa dos conteúdos seguintes do mesmo livro, sobretudo na ordem exata em que aparecem quando ele efetivamente tem início a partir de v. 49.

Apesar disso, a leitura seguida dessa parte do poema didático revela que seu autor nitidamente repartiu os tipos de criações que aborda – cavalos e bois/ ovinos e caprinos – entre dois segmentos distintos, inclusive separados no livro III por um “segundo próêmio”, situado em v. 286-294 (VIRGIL, 1997, p. 95-96). Ora, desse modo, a *dispositio* dos temas pecuários claramente privilegia, em Virgílio, que se posicionem as espécies animais envolvidas na preceituação do *magister* didático em uma escala do maior para o menor.<sup>58</sup> O mesmo, *mutatis mutandis*, pode ser dito da disposição dos assuntos vinculados à criação animal no tratado columeliano, pois esse autor prosístico os repartiu entre os animais, em geral, maiores do livro VI (bois, touros, vacas, novilhos, cavalos e mulas) e aqueles, quase sempre, menores do livro VII [(burros), carneiros, bodes, porcos e cães].

Além disso, como o livro VII de Columela conta com sua própria introdução, identificada com o capítulo I e que se vincula – inclusive com novo

apelo a Públio Silvino – à breve abordagem técnica dos burros, antes da completa entrada no tema correspondente a seu foco essencial, os animais de pequeno porte, cria-se no **De re rustica** um efeito parecido com o da nítida divisão entre as duas seções pecuárias de **Geórgicas** III. Ela também se dava naquele contexto, acabamos de recordar, por meio da intercalação de algo que não correspondia nem ao tratamento dos grandes, nem dos pequenos animais:

*Hoc satis armentis: superat pars altera curae,  
lanigeros agitare greges hirtasque capelas.  
Hic labor; hinc laudem fortes sperate coloni.  
Nec sum animi dubius, uerbis ea uincere magnum  
quam sit et angustis hunc addere rebus honorem;           290  
sed me Parnasi deserta per ardua dulcis  
raptat amor; iuuat ire iugis, qua nulla priorum  
Castaliam molli deuertitur orbita cliuo.  
Nunc, ueneranda Pales, magno nunc ore sonandum.*<sup>59</sup>

Portanto, mesmo externamente à *praelocutio*, cujos recursos típicos e associáveis a tal parte das obras antigas – adequação “tonal” aos conteúdos das partes textuais que abriam, dedicatória, *captatio beneuolentiae*... – já nos permitiam falar em significativa e similar elaboração retórico-literária para o livro III das **Geórgicas** de Virgílio e o livro VI do **De re rustica** de Columella, outros elementos como os que acabamos de ver – digressões, empenho descritivo dos corpos das reses e método no tocante à *dispositio* dos assuntos – fazem ainda da geral extensão dos livros em pauta produtos escritos pensados não só com vistas a informar, mas também a fazê-lo por meio de variável, mas nunca desprezível, grau de sofisticação letrada. Nisso, talvez, resida a maior diferença entre tais produtos das letras técnicas antigas e tantos manuais modernos afins, muitas vezes pensados “apenas” para informar, não deleitar, seu público de especialistas (BARTHES, 1964, p. 148 e 151).

## Documentação escrita

CICERONE. **Opere retoriche**. A cura di E. Malcovati, G. Barone e F. Cancelli. Milano: Mondadori, 2007.

COLUMELLA. **L'arte dell'agricoltura**. Trad. Rosa Calzecchi Onesti, introduzione e note di Carlo Carena. Torino: Einaudi, 1977.

- \_\_\_\_\_. **On agriculture: books 5-9.** With an English trans. by E. S. Forster and E. H. Heffner. Cambridge, Mass./London: Harvard University Press, 1968.
- EPICURO; LUCRÉCIO; CÍCERO; SÊNECA. **Antologia de textos; Da natureza; Da república; Consolação a minha mãe Hêlvia; Da tranquilidade da alma; Medeia; Apocoloquintose do Divino Cláudio.** Trad. Agostinho da Silva, Amador Cisneiros, Giulio Davide Leoni. São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- LVCRETI. **De rerum natura.** Recognouit breuique adnotatione critica instruxit Cyrillus Bailey. Oxonii: E Typographeo Clarendoniano, 2009.
- VARRÃO. **Das coisas do campo.** Trad., introdução e notas Matheus Trevizam. Campinas: Unicamp, 2012.
- VIRGIL. **Georgics:** v. I – books 1-2. Edited with a commentary by R. F. Thomas. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- \_\_\_\_\_. **Georgics:** v. II – books 3-4. Edited with a commentary by R. F. Thomas. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- VIRGILE. **Géorgiques.** Trad. E. de Saint-Denis. Paris: Les Belles Lettres, 1998.
- VITRÚVIO. **Tratado de arquitetura.** Trad. M. Justino Maciel. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- VITRUVIUS. **On architecture:** books 1-5. Edited and translated by Frank Granger. Cambridge, Mass./London: Harvard University Press, 2002.

## Referências bibliográficas

- ANDRÉ, J.-M. Littérature technique et héritage de la rhétorique cicéronienne chez Columelle. **Ktéma**, Strasbourg, n. 14, p. 255-272, 1989.
- ARMENDÁRIZ, J. I. G. **Agronomía y tradición clásica:** Columela en España. Sevilla: Universidad de Sevilla/Universidad de Cádiz, 1995.
- BARTHES, R. Écrivains et écrivants. In: BARTHES, R. **Essais critiques.** Paris: Seuil, 1964, p. 147-154.
- CARTELLE, E. C. Prosa técnica no gramatical. In: CODOÑER, C. (Org.) **Historia de la Literatura latina.** Madrid: Cátedra, 2007, p. 795-817.
- CASQUERO, M.-A. M. Estudio introductorio. In: VARRÓN. **De lingua Latina.** Introdução, trad. e notas de M.-A. M. Casquero. Madrid/Barcelona: Ministerio de Educación y Cultura/Ánthropos, 1990, p. VII-XLI.
- COSSARINI, A. Aspetti di Virgilio in Columella. **Prometheus: rivista quadrimestrale di studi classici**, Firenze, anno III, fascicolo 3, p. 225-240, 1977.

DOODY, A. Virgil the farmer? Critiques of the “Georgics” in Columella and Pliny. **Classical Philology**, Chicago, v. 102, n. 2, p. 180-197, *april 2007*.

DUMONT, J. C. Columella and Vergil. **Vergilius**, Waltham, v. 54, p. 49-58, 2008.

ERNOUT, A.; MEILLET, A. **Dictionnaire étymologique de la langue latine**. Paris: Klincksieck, 2001.

GÁLVEZ, J. M. C. *La filosofía en Columela*. In: MAESTRE, J. M. M.; BREA, L. C.; CUETO, A. S. (Orgs.) **Estudios sobre Columela**. Cádiz: Ayto. de Cádiz/ Cátedra A. de Castro/Universidad de Cádiz, 1997, p. 129-135.

GOWERS, E. Vegetable love: Virgil, Columella and garden poetry. **Ramus**, Santa Barbara, v. 29, n. 2, p. 127-148, 2000.

GRIMAL, P. **Dictionnaire de la mythologie grecque et romaine**. Paris: Preses Universitaires de France, 1963.

GUERREIRA, A. R. Literatura técnica de la época republicana. In: CODOÑER, C. (Org.) **História de la Literatura latina**. Madrid: Cátedra, 2007, p. 755-772.

HARTOG, F. **O espelho de Heródoto**: ensaio sobre a representação do outro. Trad. J. L. Brandão. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

HEURGON, J. Introduction. In: VARRON. **Économie rurale**: livre I. Texte établi et trad. par J. Heurgon. Paris: Les Belles Lettres, 2003, p. VII-LXXXV.

HOWATSON, M. C. **Dictionnaire de l'Antiquité**. Trad. Jeannie Carlier *et alii*. Paris: Robert Laffont, 1993.

LISI, F. L. Lucrecio. In: CODOÑER, C. (Org.) **Historia de la Literatura latina**. Madrid: Cátedra, 2007, p. 91-107.

MARTIN, R. **Recherches sur les agronomes latins et leurs conceptions économiques et sociales**. Paris: Les Belles Lettres, 1971.

Mc EWEN, I. K. **Vitruvius**: writing the body of Architecture. Cambridge, Mass./ London: Mit Press, 2003.

NOÈ, E. Animal e uomini in Columella. **Rendiconti dell'Istituto Lombardo**, Milano, v. 136, fasc. 2, p. 309-323, 2002.

\_\_\_\_\_. **Il progetto di Columella**: profilo sociale, economico, culturale. Como: New Press, 2002.

POLLARA, G. Le “Georgiche” di Virgilio: tecnica compositiva ed elaborazione poetica. In: NAZZARO, A. V. (Org.) **Omaggio sannita a Virgilio**. S. Giorgio del Sannio: Ed. Comune di S. Giorgio del Sannio, 1983, p. 3-28.

ROBERT, J.-N. **La vie à la campagne dans l'Antiquité romaine**. Paris: Les Belles Lettres, 1985.

SCHEID, J. **La religion des Romains**. Paris: Armand Colin, 2010.

TOOHEY, P. **Epic lessons: an introduction to ancient didactic poetry**. London/ New York: Routledge, 1996.

TREVIZAM, M. Mitologia e ruralidade no livro III das “Geórgicas” de Virgílio. **Phaos**, Campinas, v. 11, p. 67-82, 2011.

\_\_\_\_\_. **Prosa técnica: Catão, Varrão, Vitrúvio e Columela**. Campinas: Unicamp, 2014.

TUFFANI, E. **Estudos vitruvianos**. São Paulo, HVF Representações, 1993.

WEST, D. **The imagery and poetry of Lucretius**. Norman: University of Oklahoma, 1994.

WILKINSON, L. P. Pindar and the Proem to the third “Georgic”. In: VOLK, K. (Org.) **Oxford readings in Classical Studies**. Oxford: Oxford University Press, 2008, p. 182-188.

WILKINSON, L. P. **The “Georgics” of Virgil: a critical survey**. Norman: Oklahoma University Press, 1997.

## Notas

<sup>1</sup> Meus agradecimentos ao Prof. Dr. Teodoro Rennó Assunção (Fale-UFMG) pelas sugestões ao resumo em língua estrangeira.

<sup>2</sup> “(...) sa manière de citer Caton montre que les erreurs d’interprétation n’étaient pas rares chez lui, même quand il s’agissait d’un auteur latin lu dans le texte original” (HEURGON, 2003, p. XXIX).

<sup>3</sup> “The attitude towards Varro is comparable, though here Virgil’s debt is greater; indeed, it is fair to say that the **Georgics** would have looked very different had Varro not published his treatise shortly before Virgil began work on his poem. Virgil used it as a source of information on a number of subjects: in the treatment of soil types, on livestock, and particularly on the bees” (VIRGIL, 1994, p. 11).

<sup>4</sup> “273-4 *tardi costas... aselli... onerat*: perhaps a wry allusion to the exquisite comment of Cato: *mulis, equis, asinis feriae nullae, Agr. 138*” (VIRGIL, 1994, p. 114).

<sup>5</sup> Na *praelocutio* do livro I de **De re rustica**, que também se presta a introdução para a obra inteira, Columela cita, aproximadamente, cinquenta escritores *rerum rusticarum* entre romanos e estrangeiros; ainda não são poucas as evocações, dispersas

pelo mesmo tratado, de autores como Cícero, Magão Cartaginês e Cornélio Celso (ARMENDÁRIZ, 1995, p. 31).

<sup>6</sup> “A despeito das diferenças entre os níveis técnicos dos dois autores, Columela expressa grande admiração por Virgílio e menciona-o ou cita mais do que qualquer outro agrônomo. Para ser mais preciso, ele o faz setenta vezes, duas vezes mais do que nomeia Cornélio Celso, o agrônomo que lhe parece o mais confiável!” (trad. nossa).

<sup>7</sup> “De Saint-Denis defende que Columela cita Virgílio por motivos técnicos 47 vezes, aprovando-o por inteiro 43, com reservas 2 e contestando-o outras 2. E, com base no mero cômputo numérico, conclui que o agrônomo admira devotadamente a Virgílio técnico. Na verdade, Columela cita Virgílio por motivos técnicos apenas 42 vezes, declara-se de acordo com ele 36 e outras 6 diverge ou cala-se; e é exatamente do exame dessas divergências e silêncios que podemos obter uma avaliação completa do pensamento do agrônomo quanto ao valor técnico das **Geórgicas**” (trad. nossa).

<sup>8</sup> Veja-se, pela nota anterior, que de Saint-Denis fala em 47 citações às **Geórgicas** de Virgílio por Columela, visando esse último a documentar-se tecnicamente; por sua vez – e com os mesmos fins no tratado columeliano –, o próprio Cossarini reduz a cifra de 5 unidades. Talvez o explique não o pleno “engano” do primeiro filólogo citado, mas o fato de que, como sabemos, esse poeta por vezes se cita em **De re rustica** mais por motivos de teor literário (cf. livro X, 435-436, em retomada de G. II, 175-176) que para endossar – ou não – algum posicionamento técnico de Columela. Assim, nem todas as citações das **Geórgicas** nesse tratado precisam ser necessariamente interpretadas como pontos afins a propósitos de embasamento teórico na “agronomia”.

<sup>9</sup> “In 65 CE, a Spanish writer appointed himself Virgil’s heir and stepped into a breach that did not really exist. L. Iunius Moderatus Columella chose to attach to his self-styled prose ‘monument’ of agricultural instruction an ornamental didactic poem on gardening, to fill the gap apparently left by Virgil at the start of **Georgic 4**” (GOWERS, 2000, p. 127).

<sup>10</sup> “Yet Virgil in the **Georgics** had already experimented with different scales and levels in treating humble subjects, branching out into epic and opening up exotic views. Columella, inside his small compass, follows this expansive style to extremes. Along with a fuller post-Virgilian vocabulary of botanical terms, many of them transliterated from Greek, his garden is tinted with a new palette of descriptive words (e.g. *flammeolus*, ‘flame-red’, 307; *murteolus*, ‘myrtle-green’, 238), which has led some commentators to detect a specifically Spanish zest for bright colours” (GOWERS, 2000, p. 135).

<sup>11</sup> *Quod superest, Memmi, uacuas auris animumque/ semotum a curis adhibe ueram ad rationem,/ ne mea dona tibi studio disposta fidei,/ intellecta prius quam sint, contempta relinquo./ Nam tibi de summa caeli ratione deumque/ disserere*

*incipiam et rerum primordia pandam,/ unde omnis natura creet res auctet alatque/  
quoue eadem rursum natura perempta resoluat,/ quae nos materiem et genitalia  
corpora rebus/ reddunda in ratione uocare et semina rerum/ appellare suemus et  
haec eadem usurpare/ corpora prima, quod ex illis sunt omnia primis.* – “Além  
de tudo, dedica à verdadeira doutrina ouvidos livres e espírito sagaz, afastado de  
todos os cuidados, para que, mesmo antes de as entender, não ponhas de lado, com  
desprezo, as minhas dádivas, para ti preparadas com fiel diligência. Vou começar  
a expor-te a essência do céu e dos deuses, e revelar-te-ei os princípios das coisas,  
donde as cria a natureza e as faz crescer e as alimenta, e para onde de novo as leva  
a mesma natureza, já exaustas; a estes princípios, na exposição da doutrina, damos  
nós habitualmente o nome de matéria, de corpos geradores e de sementes das coi-  
sas; e até lhes chamamos corpos primordiais, porque deles, como princípio, tudo  
surge” (trad. Agostinho da Silva) (LUCRÉCIO. **De rerum natura** I, 50, 61).

<sup>12</sup> *Sed quoniam docui cunctarum exordia rerum/ qualia sint et quam uariis distantia  
formis/ sponte sua uolitent aeterno percita motu,/ quoque modo possit res ex his  
quaeque creari,/ atque animi quoniam docui natura quid esset/ et quibus e rebus  
cum corpore compta uigeret/ quoue modo distracta rediret in ordia prima,/ nunc  
agere incipiam tibi, quod uehementer ad has res/ attinet, esse ea quae rerum simu-  
lacra uocamus.* – “Mas como ensinei quais são os elementos primordiais das coisas,  
como distantes pela variedade de formas, voejam por sua livre vontade, levados por  
um eterno movimento, e de que modo se pode qualquer coisa criar a partir deles;  
como ensinei também qual é a natureza do espírito, de que elementos é formada,  
como convive com o corpo, e de que modo, quando separada, volta aos elementos  
primitivos, agora começarei a expor-te o que intimamente se liga a todos estes  
assuntos, isto é, o que são as coisas a que chamamos simulacros dos objetos” (trad.  
Agostinho da Silva) (LUCRÉCIO. **De rerum natura** IV, 26-34).

<sup>13</sup> “Ao abordarmos, ainda, a última tipologia textual de que nos ocuparemos ao longo  
desta obra introdutória, ou seja, os tratados, tal como inseridos na literatura greco-  
romana, adentramos, na verdade, em um âmbito que não se tem privilegiado sob o  
ponto de vista dos estudos formais da arte compositiva antiga. Isso quer dizer que as  
obras pertencentes a essa específica categoria das letras antigas, tendo sido considera-  
das, sobretudo, veículos para a difusão de saberes, não tanto produtos valoráveis em  
si próprios, por sua peculiar maneira de escrita e organização, receberam menos aten-  
ções ao aspecto do próprio fazer textual, seja esse em pequena – nível estilístico – ou  
grande – *dispositio* e arranjo do todo – escala” (TREVIZAM, 2014, p. 36).

<sup>14</sup> “No que diz respeito ao segundo [livro], falei dos materiais utilizados na cons-  
trução e das qualidades que a natureza lhes atribuiu. Agora, no terceiro, tratarei dos  
templos sagrados dos deuses imortais e explanarei circunstanciadamente as suas  
regras, como convém” (trad. M. Justino Maciel) (VITRÚVIO. **De Architectura**  
III, “*praelocutio* 4).

<sup>15</sup> “Sept jours plus tard, le 21 avril se déroulent les *Parilia* en l’honneur de Palès. Cette fête est liée à celle des *Fordicidia*: on y offre les cendres des veaux extraits du ventre de leur mère sept jours plus tôt et confiés à Vesta. (...) Toute la cérémonie est une *lustratio*: le berger arrose d’eau les brebis et le sol bien balayé. Puis il décore de guirlandes et de fleurs la bergerie et sa porte” (ROBERT, 1985, p. 299).

<sup>16</sup> O Liceu era uma montanha da Arcádia, considerada lar dos pastores de Pã; cf. **Églogas X**, 15, de Virgílio.

<sup>17</sup> “Desse modo se trata, à maneira de uma clara proposição, de estabelecer os limites da empresa a que se lança, pois os imaginativos temas dos amores ou vicissitudes de Hércules e Pélope, por exemplo, não são, segundo os dizeres do próprio Virgílio, algo merecedor de seus presentes *labores* por se encontrarem ‘gastos’ pelo trabalho de outros. Além disso, é evidente, calha melhor ao subtópico da vida camponesa sobre o qual ele começa a pronunciar-se, vale dizer, às criações de grandes (equinos e bovinos) e pequenos (caprinos e ovinos) animais, a escolha de ambiências ou personagens míticas antes afinadas no contexto com o pastoreio que com lances aventurecos ou paixões amorosas” (TREVIZAM, 2011, p. 75).

<sup>18</sup> “Enquanto isso, sigamos às matas e às clareiras intocados das Dríades, tuas ordens não fáceis, ó Mecenas: sem ti, nada de alto a mente principia. Eia, para a demora ociosa! O Citero, os cães taigetos e Epidauro domadora de cavalos chamam com enorme clamor, e a voz ressoa reiterada pelo eco dos bosques. Contudo, logo me disporei a contar as batalhas ardentes de César e a celebrar seu nome por tantos anos quantos César se distancia da primordial origem de Titono” (trad. nossa) (VIRGÍLIO. **Geórgicas III**, 40-48).

<sup>19</sup> *Et pabulum e fundo plerumque domesticis pecudibus magis quam alienis depascere exusu est* (trad. nossa) (COLUMELA. **De re rustica VI** (*praelocutio*), 2).

<sup>20</sup> *Et copiosa stercoracione, quae contingit e gregibus, terrestres fructus exuberant* (trad. nossa) (COLUMELA. **De re rustica VI** (*praelocutio*), 2).

<sup>21</sup> *Nec tamen ulla regio est, in qua modo frumenta gignantur, quae non ut hominum ita armentorum adiutorio colatur* (trad. nossa) (COLUMELA. **De re rustica VI** (*praelocutio*), 3).

<sup>22</sup> “Resulta esclarecedor que el estoicismo utilizara el término ‘etimología’, es decir, ‘significado verdadero’. En efecto, para un estoico la auténtica verdad de una palabra consiste en la correspondencia natural y necesaria entre su significante y su significado, entre el nombre y el objeto designado: bastará desentrañar el origen de la palabra para descubrir la esencia última de lo que designa” (CASQUERO, 1990, p. XXIII). No tocante, ainda, às vinculações filosóficas de Columela, vejamos René Martin (1971, p. 299 e 301) e Joaquín María Carretero Gálvez (1997, p. 129-135).

<sup>23</sup> Em nota à passagem, C. Carena, comentador da edição Einaudi do tratado colúmeliano, lembra que a atribuição desses dizeres a Catão também se dá em fins de **De officiis** II (25, 89), obra de Cícero.

<sup>24</sup> *Ceterum de tam sapiente uiro piget dicere, quod eum quidam auctores memorant eidem quaerenti, quidnam tertium in agricolatione quaestuosum esset, asseuerasse, si quis uel male pasceret.* – “Hesito em falar mais sobre um homem tão sábio, pois alguns autores lembram que ele, à mesma pessoa a indagar qual era a terceira atividade lucrativa na agricultura, afirmou corresponder até à condição de ser um mau criador” (trad. nossa) (COLUMELA. **De re rustica** VI (*praelocutio*, 5).

<sup>25</sup> *Cum praesertim maius dispendium sequatur inertem et inscium pastorem, quam prudentem diligentemque compendium* (trad. nossa) (COLUMELA. **De re rustica** VI (*praelocutio*, 5).

<sup>26</sup> *De secundo tamen responso dubium non est, quin mediocrem negligentiam domini fructus pecoris exsuperet* (trad. nossa) (COLUMELA. **De re rustica** VI (*praelocutio*, 5).

<sup>27</sup> “Por outro lado, o Públio Silvino a que Columela várias vezes faz alusão no tratado, pois em mais de uma ocasião se cita, sobretudo, como dedicatário nos proêmios, não nos é conhecido por referências externas à mesma obra, obrigando-nos a contentar-nos, por ora, com saber que se tratou de um amigo próximo do autor, além, é provável, de alguém igualmente apaixonado pela agricultura” (TREVIZAM, 2014, p. 157).

<sup>28</sup> “Por esse motivo, Silvino, com quanto empenho pudemos e tendo seguido os preceitos de nossos ancestrais, também legamos à posteridade tal parte dos assuntos rústicos. Havendo, então, dois tipos de quadrúpedes, um que obtemos para a partilha dos trabalhos – como o boi, a mula, o cavalo e o burro –, outro pelo prazer, lucro e guarda – como a ovelha, a cabra, o porco e o cão –, falaremos primeiro daquela categoria cuja utilidade é partilhar de nosso trabalho” (trad. nossa) (COLUMELA. **De re rustica** VI (*praelocutio*, 6).

<sup>29</sup> Segundo os preceitos da **Retórica a Herênio**, mesmo o resumo prévio das partes de futuro desenvolvimento em uma causa/discurso – que temos apontado como algo constante, com diferenças, das *praelocutiones* de **Geórgicas** III e de **De re rustica** VI – pode contribuir para deixar “dispostos a aprender” os ouvintes: I, 7. *Dociles auditores habere poterimus, si summam causae breuiter exponemus et si attentos eos faciemus; nam docilis est, qui attente uult audire.* – “Podemos ter ouvintes dispostos a aprender se expusermos brevemente o resumo da causa e se os tornarmos atentos; na verdade, é disposto a aprender quem quer ouvir atentamente” (trad. nossa).

<sup>30</sup> *Quas ego causas, P. Siluine, procul a ueritate abesse certum habeo, quod neque fas est existimare rerum Naturam, quam primus ille mundi genitor perpetua fecunditate donauit, quasi quodam morbo sterilitate adfectam; neque prudentis credere Tellurem, quae diuinam et aeternam iuuentam sortita, communis omnium parens*

*dicta sit, quia et cuncta peperit semper et deinceps paritura sit, uelut hominem consenuisse.* – “Esses motivos, Públio Silvino, eu decerto considero que de longe se distanciam da verdade, pois não é lícito considerar a Natureza das coisas, que aquele primordial genitor do mundo dotou de perpétua fecundidade, como que atingida por algum mal a esterilizá-la; nem é próprio de um homem prudente crer que a Terra – a qual, tendo recebido divina e eterna juventude, foi chamada de ‘mãe comum de todas as coisas’, pois tanto, sempre, deu tudo à luz, quanto, no porvir, há de dar – envelheceu à maneira de um ser humano” (trad. nossa) (COLUMELA. **De re rustica** I (*praelocutio*, 2).

<sup>31</sup> Para a primeira menção a Públio Silvino na *praelocutio* de **De re rustica** VI, veja-se logo ao início: *Scio quosdam, Publi Siluine, prudentes agricolas pecoris abnuisse curam, gregariorumque pastorum uel ut inimicam suae professionis disciplinam constantissime repudiassent.* – “Sei, Públio Silvino, que alguns agricultores prudentes recusaram o cuidado do gado e sistematicamente repudiaram a ciência dos mestres dos rebanhos como inimiga de sua profissão” (trad. nossa).

<sup>32</sup> Sobre as palavras do orador sobre si mesmo (não sobre o adversário ou a causa), como meio de ganhar a benevolência do público, veja-se em **Retórica a Herênio**: I, 8. *Ab nostra persona beniuolentiam contrahemus, si nostrum officium sine adrogantia laudabimus, atque in rem p. quales fuerimus aut in parentes aut in amicos aut in eos, qui audiunt aliquid referemus, dum haec omnia ad eam ipsam rem, qua de agitur, sint adcommodata. Item si nostra incommoda proferemus, inopiam, solitudinem, calamitatem; et si orabimus, ut nobis sint auxilio et simul ostendemus nos in aliis noluisse spem habere.* – “Granjearemos a benevolência por nossa pessoa se elogiarmos nosso dever sem jactar-nos e dissermos um pouco como nos portamos para com a república, ou para com nossos pais, ou para com os amigos ou para com aqueles que nos ouvem, contanto que isso tudo se ajuste àquilo mesmo que está em discussão. Também se mencionarmos nossos males, a pobreza, a solidão, a desventura; e se pedirmos que nos auxiliem e, ao mesmo tempo, mostrarmos que não quisemos esperá-lo de outros” (grifo e trad. nossos).

<sup>33</sup> *Quid faciat laetas segetes, quo sidere terram/ uertere, Maecenas, ulmisque adiungere uitis/ conueniat, quae cura boum, qui cultus habendo/ sit pecori, apibus quantae experientia parcis,/ hinc canere incipiam.* (...) – “O que torna as searas alegres, sob qual astro a terra remexer, Mecenas, e unir a videira aos olmos convém, que cuidado com os bois, que zelo com o rebanho de alguém, quanta destreza nas parcas abelhas daqui começarei a cantar (...)” (trad. nossa) (VIRGÍLIO. **Geórgicas** I, 1-5).

<sup>34</sup> “We return now to the marble temple itself of line 16, and come to the carvings on the doors, which will represent the victories of the god to whom it is dedicated (26-36). Octavian is now the *triumphator*, who on August 13, 14 and 15 of 29 B.C. celebrated a triple triumph, for his victories in *Illyricum* and others won by subor-

dinates, for *Actium*, and for Egypt. (...) We pass in review reliefs in gold and ivory of the victories of *Quirinus* (? Octavian himself: see p. 163) over the ‘orientals’ (*Gangarides*) at *Actium* and the Nile, showing the columns of naval bronze, and of his successes in dealing with the Armenians and Parthians. In addition, there are trophies ‘snatched *utroque ab litore*’” (WILKINSON, 1997, p. 169).

<sup>35</sup> “*Mécène* (Gaius Maecenas, mort en 8 av. J.-C.). Le plus célèbre des protecteurs romains de la littérature; descendant d’une célèbre famille étrusque, chevalier de naissance. Ce fut un conseiller et écouté de l’empereur Auguste et le protecteur éclairé d’un cercle littéraire où figuraient Virgile, Horace, Properce et Varius. Les bienfaits qu’ils en reçurent n’étaient pas négligeables: Horace lui devait sa ferme en pays sabin, et Virgile son indépendance. Tous deux s’adressaient à lui avec admiration et gratitude. En retour, ils soutinrent dans leur poésie le régime impérial” (HOWATSON, 1993, p. 616).

<sup>36</sup> “Também não se pode defender que o **De rerum natura** tenha um horizonte de expectativas adequado ao grande público. O poema de Lucrécio, embora bem se possa considerar como divulgador no tocante à doutrina filosófica, dirige-se a um leitor com um conhecimento exaustivo da tradição grega. Passagens como o louvor de Empédocles no primeiro livro ou a descrição final da peste apresentam-se como genuínos contrapontos textuais, que exigem uma grande familiaridade com o texto de referência por parte do leitor do fenotexto” (trad. nossa).

<sup>37</sup> “A aliteração e a onomatopeia no poema já foram analisadas no segundo capítulo de Deutsch e, por Bailey, em seu prefácio 119-20, e todos estão familiarizados com a direta imitação de som por som em Lucrécio, em que, por exemplo, múltiplas aliterações imitam o barulho do vento, da serra ou do alarido de um bebê, *uentorum ualidis feruescunt uiribus undae* 3 494, *serrae stridentis acerbum horrorem* 2 410-1, *uagiturque locum lugubri complet* 5 226” (trad. nossa).

<sup>38</sup> “In the mid 20s B.C., an aging military architect about whom little is known presented Augustus Caesar, new ruler of the Roman world, with ten books on architecture. The only major work on architecture to survive from classical antiquity, and the first self-consciously comprehensive account of the subject, Vitruvius’s **De Architectura** in time became the text on architecture to which, at least until the eighteenth century, all other texts referred” (Mc EWEN, 2003, p. 1).

<sup>39</sup> “O mais importante, porém, disso tudo é o reconhecimento de Vitrúvio como um cultor da prosa métrica. Ele não era um artista da língua, o que confessou e demonstrou com suas infrações à linguagem literária. Mas para o questionamento do escritor Vitrúvio, não se pode deixar de lado o elemento métrico, onde concentrou seu potencial artístico” (TUFFANI, 1993, p. 60).

<sup>40</sup> Vejam-se anteriormente as colocações de Gowers (2000, p. 135) e ainda DOODY (2007, p. 185), a qual enfatiza a consideração das **Geórgicas**, por Columela e

Plínio, o Velho, como mais uma fonte *técnica* disponível para o conhecimento da agropecuária, apesar das eventuais críticas a esse legado de Virgílio: “In its turn, Virgil’s information becomes part of the inherited body of knowledge on agriculture available to later writers, and is quoted and critiqued by Columella and Pliny alongside the writings of Varro and Theophrastus”.

<sup>41</sup> Para explicações mais detalhadas a respeito da face literária – quer no campo poético, quer no da prosa da obra columeliana, veja-se Eralda Noè (2002, p. 161-177).

<sup>42</sup> Tais traços adicionais seriam, para Toohey, a voz autoral única, o endereçamento explícito a um destinatário, a seriedade (em geral) dos intentos instrutivos, a concentração em propósitos didáticos, mais do que apenas exortativos, a tecnicidade e detalhamento (por vezes bastante destacados), o emprego majoritário dos hexâmetros datílicos, não de outras formas métricas, o tamanho, na origem, próximo do de um livro só, com oitocentos versos (TOOHEY, 2010, p. 4).

<sup>43</sup> Este se estende por entre v. 315-558 e serve, etimologicamente, para explicar a origem da técnica de obtenção de novos enxames de abelhas através da *bugonia* (sacrifício de um boi sob condições ritualísticas especiais).

<sup>44</sup> GRIMAL, 1963, p. 231: “Zeus s’unit à la jeune fille, et bientôt, Héra soupçonnera l’aventure. Alors, pour soustraire Io à la jalousie de sa femme, Zeus la transforma en une génisse d’une merveilleuse blancheur. Et il jura à Héra n’avoir jamais aimé cet animal. (...) Mais la mort d’Argos ne délivra pas Io, à qui Héra envoya un taon pour la tourmenter. L’insecte s’attacha à ses flancs et la rendit furieuse, alors, Io s’élança à travers la Grèce”.

<sup>45</sup> VIRGÍLIO. **Geórgicas** III, 237-241: “Como quando a onda começa a embranquecer no meio do mar, encurva-se mais longa das profundezas, e, rolando sobre as terras, ressoa horrivelmente em meio às pedras sem esvaír-se menor do que o próprio monte, mas a vaga fervilha embaixo com voragens e ergue ao alto negras areias” (trad. nossa).

<sup>46</sup> Diga-se que a oposição, na literatura antiga com conteúdos geográficos, entre a Líbia (ou o Egito) e a Cítia é uma espécie de lugar-comum, como se nota, por exemplo, também nas **Histórias** de Heródoto (veja-se HARTOG, 2014, p. 55): “O ponto simétrico da Cítia, no sul, é a Líbia e, mais precisamente, o Egito. Quando vem o inverno, as gruas, com efeito, deixando a fria Cítia, voam para estas regiões” (em comentário a aspectos presentes em II, 22 da obra historiográfica citada).

<sup>47</sup> COLUMELA. **De re rustica** IX, 2, 2: “Nem decerto é justo ao agricultor inquirir se foi Melissa uma mulher de belíssima aparência, que Júpiter tornou em abelha, ou, como o poeta Evêmero diz, se elas se formaram dos moscardos e do sol” (trad. nossa).

<sup>48</sup> “Neste ponto, ele faz seguir-se uma breve digressão que ratifica a maior antiguidade da criação com respeito à agricultura: ...*nomina quoque pecuniae et peculi*

*tracta uidentur a pecore, quoniam et solum id ueteres possederunt et adhuc apud quasdam gentis unum hoc usurpatur diuitiarum genus. Sed ne apud nostros quidem colonos alia res uberior, ut Marcus Cato prodidit... A anedota sucessiva lembra a afirmação de Catão com respeito ao fato de que a criação, entretanto, permanece o instrumento de rentabilidade privilegiado, mesmo que conduzido com pouco critério pelo senhor” (trad. nossa).*

<sup>49</sup> VARRÃO. **De re rustica** II, I, 19: *In fetura res incredibilis est in Hispania, sed est uera, quod in Lusitania ad oceanum in ea regione, ubi est oppidum Olisipo, monte Tagro quaedam e uento concipiunt certo tempore equae, ut his gallinae quoque solent, quarum oua hypenemia appellant.* – “Há algo incrível, porém verdadeiro, referente à reprodução na Espanha: na costa da Lusitânia, naquela parte onde se encontra a cidade de Lisboa, algumas éguas do monte Tagro concebem do vento em certo tempo, como também costumam aqui as galinhas, cujos ovos se chamam *hypenemia*” (trad. nossa).

<sup>50</sup> COLUMELA. **De re rustica** VI, XXVII, 7: *Cum sit notissimum etiam in Sacro monte Hispaniae, qui procurrit in occidentem iuxta Oceanum, frequenter equas sine coitu uentrem pertulisse fetumque educasse, qui tamen inutilis est, quod triennio, prius quam adolescat, morte absumitur* (trad. nossa).

<sup>51</sup> Veja-se nesse quesito, por exemplo, COLUMELA. **De re rustica** VI, XXVII, 7-8: *Quare, ut dixi, dabimus operam, ne circa aequinoctium uernum equae desideris naturalibus angantur. Equos autem pretiosos reliquo tempore anni remouere oportet a feminis, ne aut cum uolent ineant aut, si id facere prohibeantur, cupidine sollicitati noxam contrahant.* – “Por isso, como eu disse, daremos atenção a que, por volta do equinócio de primavera, as éguas não sejam atormentadas por seus desejos naturais. Convém, entretanto, afastar os cavalos de valor das fêmeas nos demais tempos do ano, para que não cubram sempre que quiserem ou, se forem impedidos de fazê-lo, não causem dano a si ao se agitarem de desejo” (trad. nossa).

<sup>52</sup> NOË, 2002, p. 64: “Pare di capire che i patterns agrari di riferimento per i lettori di Columella debbano in un certo senso essere anche provinciali, pur se l’Italia costituisce ovviamente l’area di interesse prioritario e privilegiato”.

<sup>53</sup> NOË, 2004, p. 310: “La descrizione fisica è dettagliata, con le caratteristiche delle varie specie di origine geografica differente”.

<sup>54</sup> VIRGÍLIO. **Geórgicas** III, 49-62: “Quer alguém que admirou os prêmios da palma olímpica crie cavalos, quer alguém bezerros fortes para os arados, escolha particularmente as matrizes. O melhor aspecto é o da vaca de olhar ameaçador, que tem a cabeça feia, a nuca farta e uma papada pendente do mento até as pernas; então, nenhum limite para o flanco alongado: tudo é grande, mesmo a pata, e as orelhas felpudas sob os chifres voltados para dentro. Nem me desagradaria a que tem manchas brancas ou rejeita os jugos, por vezes rude com o chifre, um tanto pa-

recida com o touro na aparência; toda altiva, apaga os rastros com a ponta da cauda ao caminhar. A idade deixa de tolerar Lucina e os himeneus justos antes dos dez e começa depois dos quatro anos; a restante não é propícia à reprodução nem é forte para os arados” (trad. nossa).

<sup>55</sup> COLUMELA. **De re rustica** VI, XXI, 1: “Também se gabam as vacas do mais alto talhe e compridas, de enormes ventres, de testa bem ampla, de olhos negros e bem abertos, de chifres graciosos, lisos e escuros, de orelhas peludas, de ossos malares estreitos, de papadas e caudas bem amplas, de cascos moderados e de pernas pequenas. Em outros pontos, também se desejam nas fêmeas quase os mesmos aspectos ainda atinentes aos machos e, sobretudo, que sejam jovens, pois, ao passarem de dez anos, são inúteis para procriar. Por outro lado, não convém que as menores de dois anos sejam cobertas” (trad. nossa).

<sup>56</sup> Lucina era uma deusa invocada em proteção das *mulheres* romanas na hora do parto (SCHEID, 2007, p. 129).

<sup>57</sup> Chamavam-se por vezes as bodas *humanas* de “himeneus”, devido ao emprego de um canto celebrativo homônimo na hora em que a noiva era conduzida, por um cortejo, à casa do noivo para o enlace (HOWATSON, 1993, p. 521).

<sup>58</sup> Note-se que, se formos rigorosos, tal “diminuição de escala” dos animais tomados para objeto da preceituação de Virgílio extrapola os limites de **Geórgicas** III, pois, no livro IV, ele justamente aborda as pequenas *abelhas* (POLLARA, 1983, p. 12-13). Em Columela, ainda, nota-se outra semelhança com Virgílio neste ponto, já que, além do livro VII, o oitavo se vincula em seu tratado “agronômico” aos tipos animais da *uillatica pastio* – aves, peixes etc. – e o nono, enfim, à apicultura.

<sup>59</sup> VIRGÍLIO. **Geórgicas** III, 286-294: “Isso basta para os grandes animais; resta a outra parte dos cuidados, tocar os rebanhos de ovelhas e de cabras eriçadas. Este é o esforço, disto esperai louvores, ó fortes colonos. Nem tenho dúvida do quanto é grande triunfar com palavras neste assunto e juntar tal honra a coisas pequenas; mas um doce amor me arrebatava pelos cimos solitários do Parnaso; é bom seguir com jogos por onde nenhum carro dos antecessores vai dar a Castália por uma encosta suave. Agora, ó Pales veneranda, agora se deve fazer ressoar alto a voz!” (trad. nossa).